

O Casamento e a *TPM*: novos tempos, novos sentidos

Gabriela Boemler Hollenbach

RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar a forma como a revista *TPM, Trip Para Mulher*, criada para ser uma alternativa às revistas femininas tradicionais, trata do tema casamento. A partir dos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Francesa, a investigação procurou encontrar os sentidos dominantes a respeito do casamento nas matérias publicadas na revista entre Abril e Julho de 2003, concluindo que o casamento ainda é considerado importante e desejável para as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Revistas Femininas. Casamento. Gênero Feminino.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas quatro décadas, as conquistas femininas repercutiram em vários aspectos da vida social. Embora o acesso aos espaços públicos tenha sido simultaneamente causa e consequência dessas conquistas, foi no âmbito privado – velho conhecido das mulheres – que elas surtiram maior efeito: a natureza do casamento modificou-se profundamente durante o curto período em que as mulheres foram progressivamente se desvinculando dos papéis sociais que lhes foram historicamente reservados. A maior autonomia transformou radicalmente valores e condutas, alterou a forma da mulher encarar o próprio corpo e desestabilizou a autoridade masculina e o relacionamento entre os sexos.

A partir dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa, este artigo trata da representação do casamento na revista feminina *Trip Para Mulher*, mais conhecida como *TPM*. Para tanto, foram estudados fragmentos de oito matérias (reportagens e entrevistas) que, de alguma forma, fizeram referência ao casamento nas edições de abril, maio, junho e julho de 2003.

A Análise do Discurso (AD) pressupõe que é através de representações simbólicas que o homem se relaciona com a realidade. De acordo com Orlandi (2001),

a linguagem não é literal ou transparente, ou seja, não existe um sentido único e prévio para cada palavra: os sentidos são construídos ideologicamente a partir da relação do sujeito com a língua e a história de um determinado tempo e espaço. Para a autora, o homem é levado a interpretar a todo o momento, e o sentido das palavras aparece a ele como evidência, como se ele estivesse já sempre lá:

O trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento, pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido lá: é justamente quando esquecemos quem disse colonização, quando, onde e porquê, que o sentido de colonização produz seus efeitos. (ORLANDI, 2001, p.49).

O caráter mutável e histórico do significado das palavras faz com que as possibilidades de interpretação de um enunciado sejam múltiplas. É justamente essa abertura simbólica que permite a produção de deslocamentos nos sentidos. É nela que reside a resistência. De qualquer forma, como as interpretações ou eventuais deslocamentos de sentidos somente podem acontecer a partir da linguagem, o indivíduo está sempre sujeito a um grau de determinação.

É esse grau de determinação que o mito da objetividade jornalística procura dissimular. A imprensa pretende retratar uma realidade que não pode ser percebida objetivamente, o que faz com que seu conteúdo adquira um caráter ideológico e reproduza um ponto de vista entre tantos outros – geralmente consoante com o ponto de vista dominante numa determinada época. Mais do que retratar a realidade, os meios de comunicação ajudam a criar uma forma de percebê-la. Se é assim nos textos jornalísticos – que utilizam uma linguagem referencial e pretendem informar – a situação das revistas femininas é ainda mais emblemática: de acordo com Buitoni (1986), elas não têm intenção de informar e, usando uma linguagem persuasiva, muito próxima da publicitária, tentam convencer, impor um certo modelo através de uma alusão ao atual. Analisando essa tendência a valorizar a novidade, a autora afirma:

O atual pressupõe uma relação efetiva no mundo histórico. O atual precisa ser descoberto ou estimulado, mas não pode ser criado. O atual precisa ter uma relação concreta com os acontecimentos, mesmo que apenas latente. Bem trabalhada, a novidade é uma qualidade capaz de revestir qualquer objeto. A ancoragem temporal desloca-se para uma relação mental: a revista inventa um modismo que logo é apresentado como o que existe de mais “atual”, que nelas representam apenas um sinônimo do novo, mediador de novidade e não de momento situado no tempo. (p.15).

Como o “atual” proposto pelas revistas só tem uma relação latente com a realidade e resulta de um trabalho mental e discursivo, o conteúdo que ele engendra é fundamentalmente ideológico. Assim, provavelmente por causa da moda em vestuário, os veículos femininos se impregnaram do novo, que contaminou não só a editoria de moda, mas todos os outros conteúdos. A moda, o atual, o moderno indicam um caminho a seguir, o que se deve ou não fazer e como fazer. Além de roupas, produtos e estilos modernos, as revistas sugerem uma gama de comportamentos que devem ser imitados para afirmar sinais que individualizem cada mulher e a identifiquem como pertencente à elite (BUIIONI, 1986).

A *TPM* é uma publicação mensal (80 mil exemplares) da Editora Trip e foi lançada em maio de 2001 com o objetivo de ser um contraponto às revistas femininas brasileiras mais tradicionais, acusadas de ofender a inteligência e a auto-estima das mulheres. Essa postura aparece claramente no editorial da primeira edição:

[. . .] as revistas femininas nem mesmo se dignam a velar aquilo que pensam da mulher brasileira: uma pessoa simplória, de horizontes estreitos, com pouquíssimo potencial, de espiritualidade rasa, cultura próxima do zero, tipo físico medíocre, que se agarra a regimes, peelings, drenagens linfáticas, plásticas e ginásticas, para – com a ajuda de um fragilíssimo Cascolac cultural que consegue absorver de suas páginas – lutar com todas as forças a fim de laçar um pobre diabo que a carregue. (LIMA, 2001)¹.

A sigla *TPM*, *Trip Para Mulher*, refere-se também à tensão pré-menstrual, indicando o tipo de público que a revista pretende atingir: mulheres ousadas, fortes, que se permitem ter variações de humor – como acontece com a maioria das mulheres durante a TPM –, que não se encaixam nos estereótipos femininos tradicionais, nem naqueles que as outras revistas femininas propõem.

A não existência de um sentido único para as palavras e frases faz com que o sentido das mesmas dependa da formação discursiva² na qual elas estão inseridas. A AD entende que a heterogeneidade é uma das principais características de qualquer formação discursiva, assim como de qualquer discurso ou texto. Isso

¹ Documento não paginado.

² As formações discursivas envolvem dois tipos de funcionamento. O primeiro refere-se à relação paráfrase/polissemia, isto é, “[. . .] enquanto a paráfrase é um mecanismo de ‘fechamento’, de ‘delimitação das fronteiras de uma formação discursiva, a polissemia rompe com essas fronteiras, ‘embaralhando’ os limites entre as diferentes formações discursivas, instalando a pluralidade, a multiplicidade de sentidos.” (BRANDÃO, 1997, p.39). O segundo funcionamento diz respeito ao pré-construído, ou “[. . .] aquilo que remete a uma construção anterior e exterior, independente, por oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. É o elemento que irrompe na superfície discursiva como se estivesse já aí.” (BRANDÃO, 1997, p.39).

significa que todo discurso não resulta da vontade de um sujeito uno, centralizado, mas é tecido a partir de outros discursos – que podem ser provenientes de diferentes formações discursivas. Assim, considera-se aqui que o discurso das “outras” revistas femininas seja um dos principais pilares de constituição dos textos da *TPM*. Embora esta pretenda estabelecer com essas revistas uma relação de negação, por estarem situadas em formações discursivas antagônicas dentro de um mesmo campo enunciativo, ela ora repete os seus enunciados, ora os modifica. Essa aparente contradição não é necessariamente consciente, mas acontece por causa de uma memória discursiva³ e da articulação de enunciados do interdiscurso que atravessam o discurso.

Pinto (1999) mostra que o princípio da heterogeneidade enunciativa que constitui os textos revela-se dupla e distintamente neles: a “heterogeneidade mostrada” refere-se àquilo que pode visivelmente ser reconhecido num texto como proveniente de outro, enquanto a “heterogeneidade constitutiva” ou “interdiscurso” trata da presença no texto de vestígios de outros textos preexistentes, que não necessariamente estão explícitos no recorte analisado. Embora os enunciados provenientes das outras revistas apareçam mais na forma de heterogeneidade constitutiva, a *TPM* deixa clara a influência dos “outros” textos no seu conteúdo, por seguidamente referir-se aos enunciados das outras revistas femininas, aos quais pretende se contrapor.

Para conseguir uma unidade e coerência textual, o locutor concilia essas diferentes vozes que atravessam o texto e apaga as possíveis contradições. Essa “falsa” unidade engendra sentidos dominantes. Para encontrar tais sentidos em relação ao casamento contemporâneo na *TPM*, será considerada a ligação dos textos analisados com o discurso das outras revistas femininas, bem como daqueles que emanam de formações discursivas que dizem respeito ao contexto histórico-social.

Tal contexto reflete as profundas mudanças acontecidas na vida pessoal da humanidade nessas últimas décadas, resultado do que o sociólogo inglês Anthony Giddens (1993) chamou de “declínio da tradição”. Para o autor, os atores sociais têm maiores condições de igualdade hoje do que há três ou quatro décadas: enquanto agiam baseados na tradição, isto é, em função de fatos passados, eles tendiam a pensar em termos de destino, e as possibilidades de fugir dos esquemas forjados pela tradição eram praticamente nulas. Como era também a tradição

³ A retomada de formulações anteriores, já enunciadas. De acordo com Brandão, (1997, p.76): “No nível da intertextualidade interna, interior ao campo, de maneira geral, a toda formação discursiva se vê associar uma memória discursiva. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscurso de um FD, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas.”

quem dava as explicações para as coisas do mundo, ela não carecia de legitimação. Giddens acredita que esta forma de perceber o mundo modificou-se nas sociedades modernas, que se caracterizam por uma cultura do risco: as pessoas são forçadas a tomar decisões o tempo todo a partir das informações de que dispõem e que circulam abundantemente na sociedade, o que torna necessário um conhecimento prático da vida, que permita calcular os riscos que cada escolha implica, bem como as conseqüências das próprias decisões.

2 AS REPRESENTAÇÕES DO CASAMENTO

De acordo com o pensamento de Giddens (1993), até pouco tempo atrás, o casamento era estruturado por tradições que determinavam os papéis – inquestionáveis – que cada cônjuge deveria assumir. Hoje, a construção dos relacionamentos geralmente se dá de modo muito mais ativo, porque os atores sociais são dotados de reflexividade e precisam repensar e negociar os seus papéis dia a dia. Giddens admite que as condições dessa negociação dependem da posição ocupada pelos atores num contexto social específico, bem como dos recursos dos mesmos. O interessante é que esses recursos dependem tanto das condições sociais e econômicas do sujeito, quanto da forma como ele se apropria dos discursos disponíveis na sociedade numa determinada época e contexto.

A difusão dos meios de comunicação de massa proporcionou uma maior circulação desses discursos. Por serem um local privilegiado de aprofundamento sobre as questões femininas, as revistas são importantes produtoras de discurso a respeito das mulheres. Ao fazê-lo, mais do que retratar a realidade, os magazines ajudam a construir um saber sobre o comportamento feminino e, conseqüentemente, sobre as formas “normais” de relacionamento entre os sexos.

No discurso das revistas femininas, em geral, as mulheres não aceitam mais passivamente a dominação masculina. Na *TPM*, essa relação de igualdade entre os sexos é dada. Enquanto as revistas tradicionais tendem a retratar mulheres “boazinhas” e que fazem tudo para agradar o homem que com muito esforço conseguiram e não podem deixar escapar, a *TPM* concentra-se em mulheres de personalidade forte, que não somente já conseguiram tal igualdade, mas exercem ou desejam exercer um certo domínio sobre o parceiro. Como na realidade a relação homem/mulher ainda está (pelo menos em parte e na maioria dos grupos sociais) submetida aos discursos que historicamente legitimaram a supremacia masculina, as contradições – resultantes da presença no texto de diferentes formações discursivas – a respeito das posições que homens e mulheres devem assumir no casamento são freqüentes. O trecho da entrevista com a apresentadora de TV, Marina Person (2003, p.20), que diz já ter sido casada duas vezes e agora está separada, explicita esta afirmação:

TPM. Como você é quando está casada?

Marina Person. Tenho uma certa dose de comando. Mas também não gosto que seja só isso, acho chato que só você que dá idéia do que fazer. Tem que ser uma coisa equilibrada.

Embora o texto, num primeiro momento, pareça insinuar uma maior igualdade entre homens e mulheres, isso pode ser questionável. Pelo menos dois enunciadores (E) aparecem na afirmação de Marina. Enquanto E¹ afirma ter “uma certa dose de comando”, E² não aceita que o homem concorde com isto e reivindica uma “coisa equilibrada”. As duas enunciações encontram-se em formações discursivas diferentes: a primeira está relacionada com o movimento de liberação feminina, que deu maior autonomia às mulheres e com a qual a *TPM* pretende se identificar mais. A segunda refere-se a uma formação discursiva que submete as mulheres, mesmo as mais inteligentes, independentes e bem-sucedidas, aos padrões mítico-rituais que ligam a idéia de masculino ao que é ativo, forte, de alguma forma superior (BOURDIEU, 1999). A “coisa equilibrada” salva a entrevistada de ser diminuída socialmente por ter sido casada com alguém que fazia tudo o que ela queria.

Embora essa mesma contradição apareça em vários textos, a *TPM* insiste em uma imagem de mulheres fortes, agressivas e vitoriosas – características consideradas masculinas durante muitos séculos. Em uma entrevista com Paula Lavigne, esposa de Caetano Veloso, a repórter afirma:

É dona da gravadora Natasha Records [. . .], investe em cinema e ainda controla – depois de transformar num império – o patrimônio do marido. O Caetano que casou com Paula tinha dez vezes menos dinheiro do que o de hoje, 17 anos depois da união. (2003, p.15).

Além de fortes, essas mulheres são ricas, famosas e pertencem a um universo que só é acessível à maioria da população através da imprensa. Assim, ao mesmo tempo em que pretende se opor ao discurso das outras revistas femininas, a *TPM* se apropria em algum grau da bem-sucedida fórmula da revista *Caras* que trata da vida de celebridades. A diferença é que a *TPM* não fala de qualquer mulher famosa, mas das que têm “estilo”, atitude, personalidade forte e que venceram na vida não somente a partir de predicados físicos.

No entanto, todas as mulheres que apareceram nas matérias analisadas estão de acordo com os padrões de beleza convencionais, os quais são promovidos pela mídia e aceitos pelas mulheres dos mais variados grupos sociais. Algumas admitem já terem sofrido por serem feias em algum momento da vida, mas estão felizes porque souberam se reinventar, “descobrir seu estilo”, para conseguir entrar no

seleto grupo das “pessoas bonitas”. Paula Lavigne (2003, p. 20) confessa: “Eu era feia. [...] Ai fui resolvendo. Melhorei o nariz, que eu não gostava. Depois que amamentei coloquei silicone. Malhei para ficar com o corpo legal.” A apresentadora Marina Person diz ter sofrido por ter sido gordinha, mas estar satisfeita por ter conseguido se transformar numa mulher sexy, que inclusive já posou nua para uma revista masculina (2003, p 19): “E eu fiz tanto regime na minha vida [...] Com 16, 17 anos, eu nunca estava satisfeita com meu corpo.”

Essa possibilidade de reconstruir o corpo é uma das características da modernidade. Numa entrevista à revista *Véja*, o filósofo Gilles Lipovetsky afirma a esse respeito:

O corpo passou a ter outro valor na sociedade democrática e tecnológica, que recusa a submissão ao destino. Na sociedade tradicional, a beleza era considerada um dom. Se você não nascia belo, restava-lhe a resignação. Agora, num universo individualista, o que dá grandeza ao homem é não se acomodar. Quem é gordo ou narigudo pode fazer dieta, plástica e ficar bonito. Você pode lutar ou pagar para ser belo. (2002, p.15)

A beleza aparece na *TPM* – da mesma forma que nas outras revistas – como algo desejável, que pode fazer a pessoa mais feliz. Não há, no entanto, beleza que garanta o final feliz no matrimônio, e a *TPM* tende a reconhecer o desgaste deste com o passar dos anos. É assim quando a espanhola Lola Torres, que foi morar com o marido numa ilha deserta, afirma que “[...] quando o relacionamento está no começo, ele está ótimo em qualquer lugar, você não precisa de mais nada. Mas depois vai avançando e aquela pessoa apenas não satisfaz mais.” (2003, p. 20), ou quando a prefeita de São Paulo, Marta Suplicy, confessa “[...] depois de 36 anos casada, aos 57, me separei, o que foi uma coisa importante e boa para mim.” (2003, p.56).

O reconhecimento do declínio do casamento com o tempo engendra uma maior aceitação da infidelidade, outro tema recorrente na revista. Toda sociedade distingue e organiza, através de normas e sanções, uma sexualidade conjugal e uma sexualidade pré e extraconjugal. Durante séculos, a infidelidade feminina foi condenada e punida severamente, enquanto a masculina era aceita, e, em muitos casos, desejável. Para Giddens, a progressiva igualdade feminina no âmbito sexual, proporcionada pelo advento da sexualidade plástica⁴, desestabilizou esta verdade histórica. Giddens comentando uma pesquisa feita por Rubin⁵, mostra que:

⁴ Sexualidade liberta da necessidade de reprodução, proporcionada pelo desenvolvimento de técnicas anticoncepcionais e, mais recentemente, pelo desenvolvimento da engenharia genética.

⁵ RUBIN, Lilian. *Erotic Wars*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1990. Apud GIDDENS, 1993, p.22.

As mulheres esperam tanto receber quanto proporcionar prazer sexual, e muitas começam a considerar uma vida sexual compensadora como um requisito chave para um casamento satisfatório. A proporção de mulheres casadas há mais de cinco anos que têm encontros sexuais extraconjugais é, hoje em dia, virtualmente a mesma que aquela dos homens. O padrão duplo ainda existe, mas as mulheres não são mais tolerantes diante da perspectiva de que – enquanto os homens necessitam de variedade e pode-se esperar que se envolvam em aventuras extraconjugais – elas não se comportem do mesmo modo.

Embora na vida real a infidelidade feminina ainda seja um tabu para a maior parte das pessoas, na *TPM* ela aparece como algo natural, que, mais cedo ou mais tarde, acontece. A frase de Marina Person: “Acho a palavra traição horrível e superestimada nas relações e na sociedade. Tem um estigma. Um peso muito maior do que a coisa em si.” (2003, p. 21). aparece em um intertítulo em letras maiores e vermelhas, retirada de um trecho da entrevista em que a apresentadora admite que já traiu e foi traída. Outra frase que aparece em destaque é a fala do criador da São Paulo Fashion Week, Paulo Borges, que afirma: “Não acredito que uma pessoa, principalmente o homem, consiga ser fiel para o resto da vida. Uma coisa é a teoria, outra é o sangue.” (2003, p.20). Da mesma forma, na apresentação da entrevista de Paula Lavigne, a repórter afirma que ela “[...] acredita que o desejo por outras pessoas faz parte de uma união longa – cabe a ambas as partes encarar isso ou não.” (2003, p. 15). Frase que a própria Paula explica num trecho da entrevista:

TPM. Você acredita em relacionamento aberto?

Paula. Não acredito que exista um casamento só. Existem fases. Você pode passar por fases tendo outra coisa se aquilo for bom, sem fazer com que o casamento acabe. Se eu tenho um casamento de 17 anos (...) tudo vai mudando. Acho que se você tem momentos... Tem que estudar a situação. Não é porque você vai ter uma coisa fora do casamento que ele vai acabar. Ou o contrário. Conheço casal que nunca teve nada fora e tudo bem. O que é casamento aberto? Não conheço nenhum casal que, depois de 20 anos juntos, não tenha traído. A não ser o pai e a mãe do Caetano, talvez. Acredito no seguinte: que você tem que lidar com as situações que aparecem. E te digo uma coisa, as situações aparecem. Você está vivo, com o coração batendo, sente necessidade de viver coisas diferentes. Acredito em casamento aberto para avaliar as situações novas da vida. (p.17-18).

O trecho reflete uma mudança histórica importante. Os latino-americanos herdaram a idéia de “honra” masculina que vigorou no mundo mediterrâneo durante milênios. Assim, até pouco tempo atrás, os homens brasileiros se achavam no direito de maltratar ou até mesmo matar a mulher infiel para recuperar a honra perdida na traição. Hoje, de um modo geral, os maridos estão mais tolerantes, e a infidelidade feminina não é mais sempre razão para uma separação.

É possível que isso aconteça devido ao que Giddens (1993) chamou de “relacionamento puro”, que ele caracteriza como uma valorização da relação, baseada no “amor confluyente”, sentimento que substituiu o amor romântico na organização da vida pessoal. Enquanto o amor romântico pressupunha uma identificação projetiva com uma “pessoa especial”, o amor confluyente se baseia muito mais na procura de um “relacionamento especial”, no qual a exclusividade sexual nem sempre é fundamental:

Diferentemente do amor romântico, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico, no sentido da exclusividade sexual. O que mantém o relacionamento puro é a aceitação, por parte de cada um dos parceiros, “até segunda ordem”, de que cada um obtenha da relação benefício suficiente que justifique a continuidade. A exclusividade sexual tem um papel no relacionamento até o ponto em que os parceiros a considerem desejável ou essencial. (GIDDENS, 1993, p. 74).

Esse relacionamento especial não necessariamente é heterossexual. Giddens, baseado num estudo realizado nos Estados Unidos no final da década de 70, mostra que a maior parte dos homossexuais costuma ter relações duradouras com um parceiro principal. Essas uniões costumam ser chamadas de casamento, embora para muitos ainda seja difícil conceber e formular tal idéia. Numa entrevista à *TPM*, antes de admitir que está casado, Paulo Borges, que é homossexual, titubeia: “Estou namorando há um ano e 13 meses. Morando junto. Casado.” (2003, p.21). Primeiro, ele diz que está namorando, depois, morando junto, para só então admitir que está casado. E o nervosismo deixa entrever o preconceito que ainda existente em relação ao casamento homossexual: Borges afirma que está namorando há um ano e 13 meses em vez de falar que está casado há dois anos. Em seguida se justifica por não ter casado “de verdade”: “Não gosto dos termos dos documentos. Eles engessam, criam um tipo de compromisso que não é da alma. O que mais segura essa relação é uma harmonia maravilhosa. Incrível.” (2003, p.21).

A caracterização do que constitui um casamento é outro aspecto atravessado por diferentes formações discursivas. Ao mesmo tempo em que considera como casamento o fato de duas pessoas morarem juntas sem terem legalizado a situação

ou passado por um ritual religioso, a revista tende a tornar positiva a idéia do casamento mais tradicional, dando-lhe novas conotações.

É significativo o aparecimento do véu e grinalda justamente na única matéria que tratava especificamente de casamento (nas outras, ele aparecia como parte da entrevista, nunca como o motivo central da reportagem) e que pretendia desmistificar um casal modelo. De acordo com Jameson (1991), a época atual – que ele chamou de pós-modernismo – se caracteriza por uma falta de referencial histórico que fez com que o homem perdesse a capacidade de criar representações sobre o presente. O autor vê as representações como resultado do pastiche, ou seja, como conseqüência da retomada e reagrupamento de formas isoladas de um passado estereotípico. A teoria de Jameson parece explicar essa tendência ao casamento à moda antiga revestido de novidades. Na matéria que trata de desmistificar um casal modelo, a repórter conta, com uma linguagem e diagramação que lembram um conto de fadas, a história da modelo Luciana Curtis e do seu marido, o fotógrafo Henrique Gendre. Nessa história, a cerimônia de casamento perde as características de ritual de passagem⁶, pois não houve um pedido formal de casamento – bastou um “pô, vamos casar?” – , nem noivado. E praticamente nada muda depois do casório: os dois já moravam juntos antes e continuam a passar tempos separados por motivos de trabalho. O editorial da edição em que foi publicada a matéria explicita o tipo de casamento que a *TPM* está tentando superar:

O casamento perfeito, o corpo perfeito, a família perfeita [. . .] Desde que você nasceu, o único lugar em que encontrou representações dessas utopias foi, com absoluta certeza, o universo paralelo das revistas femininas [. . .] A maioria das revistas reservadas às mulheres tem colaborado para formar e manter sob controle gerações de mulheres tristes e decepcionadas com as próprias existências, infelizes de não terem 30 quilos a menos do que a natureza determinou, 15 anos a menos do que a cronologia diz, por não possuírem espelhos dotados dos equipamentos de retoques à disposição dos que fazem tais revistas, por não terem namorados e maridos como os que aparecem em matérias e anúncios ou pais e mães simpáticos, compreensivos e sensíveis como os projetados naquelas páginas [. . .] Desmistificando um casal modelo estamos fazendo a nossa parte para libertar homens e mulheres de

⁶ A teoria do antropólogo Arnold Van Gennep diz que todo ritual de passagem apresenta três fases: a separação, onde o indivíduo separa-se do grupo no qual está inserido; a margem, que caracteriza o momento de liminaridade, onde a pessoa não é uma coisa, nem outra (no ritual do casamento, esta fase corresponderia ao noivado, onde a pessoa não é solteira, mas também não é casada), e a agregação, momento em que ele volta ao grupo com um novo status.

uma prisão virtual, construída para tornar a todos infelizes, amargos e frustrados. (LIMA, 2003, p. 24).

Além de Luciana e Henrique serem bonitos, jovens e bem-sucedidos, já moraram juntos em Londres, passam temporadas em Nova York e têm amigos importantes, ricos e famosos. Ou seja, o “casal modelo” é o mesmo tipo de casal perfeito que aparece nas outras revistas, as quais são claramente constitutivas da *TPM*.

O lead de tal matéria diz o seguinte:

Uma pesquisa no site da TPM revelou que 76,6% das pessoas ainda acreditam em casamento. A modelo Luciana Curtis e o fotógrafo Henrique Gendre também. Eles estão juntos há sete anos e casados há pouco mais de um ano. Por trás da imagem de casal perfeito, eles mostram que é possível acreditar em final feliz sem ser piegas. E que todo conto de fadas tem o seu lado trash. (2003, p. 76).

Embora a repórter afirme que 76,6% das pessoas que participaram da enquete acreditam em casamento, ela sugere que isto “ainda” acontece. É como se dissesse que apesar de muitas pessoas já não acharem que o casamento é o único caminho possível, que cada vez mais pessoas se divorciam ou passam a vida sem conseguir se entender de verdade, ainda é possível acreditar em final feliz. E mais: “sem ser piegas”. Mais uma vez, a decadência dos ideais de amor romântico e a tendência ao amor confluyente parecem claras. O final feliz sugerido pela matéria não é o dos contos de fadas, onde o príncipe casa com a princesa e vivem tranquilos e felizes para sempre, mas um final feliz que reconhece os percalços ao longo do caminho, sem idealizações românticas. O que fica claro quando a repórter sugere que “todo conto de fadas tem um lado trash”. Como o amor confluyente pressupõe a abertura em relação ao outro (em detrimento do amor romântico, que, por causa de uma identificação projetiva, faz com que os sujeitos fiquem meio “cegos” em relação à pessoa amada), ele aceita os possíveis defeitos do parceiro, sem que por isso o encanto termine.

O problema do “trash” apresentado na matéria é a banalidade dos problemas. A modelo fica brava porque o marido amontoa meias sujas do lado da cama, esquece sempre onde está a chave de casa e é bagunceiro; o fotógrafo não gosta quando a esposa tem ataques de nervos durante a tensão pré-menstrual e faz ligações internacionais para perguntar se tal blusa combina com tal camisa. Nada a respeito dos quilos que ela vai engordar no futuro, da possibilidade de desemprego, das crises de depressão que atacam cada vez mais pessoas no mundo, da solidariedade nos momentos difíceis, das brigas, das incompatibilidades, dos ciúmes e problemas econômicos que são freqüentemente o “trash” de muitos casamentos.

O trecho de uma matéria feita com a atriz Mariana Lima (2003, p. 55) também é representativo da posição da revista a respeito da necessidade do casamento:

Mariana nutria, até pouco tempo, aversão pelo casamento. Achava impossível duas pessoas conviverem felizes sob o mesmo teto. Isso até conhecer Enrique durante as filmagens de Kenoma [. . .] e rever seus (pré) conceitos. Depois de três anos namorando, eles se casaram no quintal dos pais do noivo.

Assim como na matéria sobre o Casal Modelo – na qual a repórter afirma que nem todos os amigos gostaram da notícia do casamento, pois “[. . .] afinal de contas, casar era um negócio em que só gente careta se arriscava.” (CURTIS; GENDRE, 2003, p. 78) –, esta também assume que o casamento é considerado por muitos como algo careta, piegas, fadado ao fracasso, mas acaba exaltando o matrimônio. Sinal disso é que a frase “[. . .] acho estar casada uma experiência altamente estimulante.” (p. 56) é um intertítulo com letras maiores e em caixa alta. Poucas páginas depois, em uma reportagem com o ator Marcelo Anthony, outra frase em destaque confirma a posição da revista: “Casamento é fundamental. Tenho necessidade do meu casulo. Minha noite perfeita é em casa.” (2003, p.71).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como nas outras revistas femininas, o casamento aparece na *TPM* como fundamental à vida de qualquer pessoa. Há na *TPM* uma clara tentativa de ultrapassar os ideais das uniões à moda antiga, mas não de negar a necessidade do casamento. Em nenhuma das matérias analisadas aparece uma referência à possibilidade da mulher ser feliz sem ter um companheiro. Em um tempo e sociedade em que vigora o que Jameson (1991) chamou de “lógica do vazio”, onde as pessoas carecem de objetivos para viver, onde o verdadeiro encontro com o outro – que requer uma genuína compreensão e aceitação da alteridade – é pouco estimulado, as pessoas tendem a canalizar tudo na relação a dois.

A peculiaridade da *TPM* é que ela sugere um outro tipo de casamento. Aliás, essa tendência a valorizar um modo diferente de fazer as coisas que sempre foram feitas é uma das suas principais características: enquanto as outras revistas propõem um modelo padrão, o qual pode ser seguido por um número ilimitado de mulheres que desejem obter algum tipo de sucesso, a *TPM* estimula as leitoras a terem valores bem parecidos com os encorajados pelas outras revistas, mas sugere que elas ajam à sua maneira, ressaltando o seu estilo, a sua personalidade. É como se a revista tentasse resgatar a individualidade do sujeito num tempo em que se

apregoa a “[. . .] morte do próprio sujeito – o fim da mônada, do ego ou do indivíduo autônomo burguês – e a ênfase correlata, seja como um novo ideal moral, seja como descrição empírica, no descentramento do sujeito, ou psique, antes centrado” (JAMESON, 1991, p. 42). Assim é quando Marta Suplicy, falando da sua separação, afirma: “Não existe o certo, e sim o melhor para cada pessoa.” (2003, p. 56), ou quando Marina Person, ao comentar a infidelidade, explica que “[. . .] o que desagrada é quando é aceito sem questionamento. É como uma roupa que você compra pronta. Pode servir perfeitamente para uns, mas vai precisar de um ajuste para outros. As pessoas dançam quando tentam usar uma roupa que não foi feita pra elas.” (2003, p. 21).

Essa valorização da individualidade em detrimento dos comportamentos padrões foi a maneira que a *TPM* encontrou para fugir das “receitas” propostas mensalmente pelas outras revistas femininas. Ela ataca duramente o mundo perfeito que a soma dessas receitas pode constituir e sugere que as pessoas têm defeitos, os casamentos podem não ser eternos e a vida está cheia de dificuldades. No entanto, na maior parte das matérias, ela não fala de casamentos que não sejam “perfeitos”, de pessoas que de fato têm problemas e que não estejam dentro dos padrões de beleza convencionais. O que – às vezes – faz é mostrar pessoas que algum dia já estiveram nessas circunstâncias, mas souberam lidar com isso. O que lembra o “quase” provérbio moderno “se você não venceu na vida, a culpa é sua”. É por isso que a mulher da *TPM* precisa ser forte e determinada. Só assim, ela vai superar as próprias limitações. Esta é a receita da *TPM*, que parece diferente da das outras revistas, mas, no fundo, a repete.

The Marriage and the TPM: new times, new senses

ABSTRACT

The work's purpose is to analyze how the *TPM* magazine - *Trip Para Mulher* - that was created to be an alternative to the traditional magazines – approaches the theme of marriage. Under the theoretical presupposed of French Discourse Analysis, the investigation has tried to find the dominant senses about marriage in the magazine editions published between April 2003 and July 2003, concluding that marriage is still considered important and desirable by women.

KEYWORDS: Women's Magazines. Marriage. Gender Feminine.

REFERÊNCIAS

ANTHONY, Marcelo. Campeão de Audiência. Entrevista por Milly Lacombe. *TPM*, São Paulo, ano 02, n. 22, fls. 62-72, jun. 2003.

BORGES, Paulo. São Paulo Fashion. Entrevista por Nina Lemos. *TPM*, São Paulo, ano 02, n. 23, fls. 16-23, jul. 2003.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 6ª ed. Campinas: Unicamp, 1997.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

CURTIS, Luciana; GENDRE, Henrique. Casal Modelo. Entrevistados por Nina Lemos. *TPM*, São Paulo, ano 02, n. 20, p. 76-81, abr. 2003.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

JAMESON, Frederic. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1991.

LAVIGNE, Paula. Bruta Flor. Entrevista por Nina Lemos. *TPM*, São Paulo, ano 02, n. 21, p. 14-21, maio 2003.

LIMA, Mariana. Estrela Solitária. Entrevista por Renata Leão. *TPM*, São Paulo, ano 02, n. 22, fls. 54-57, jun. 2003.

LIMA, Paulo. Editorial: Pai de Segunda Viagem. **TPM**, São Paulo, ano 01, nº01, maio 2001. Documento não paginado.

_____. Editorial: Imperfeito é Você. **TPM**, São Paulo, ano 02, nº20, p.24, abr. 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. Beleza para Todos. Entrevista por Silvia Rogar. **VEJA**, São Paulo, ano 35, n. 38, fls. 11-15, set. 2002.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 3ªed. Campinas: Pontes, 2001.

PERSON, Marina. Papopop. Entrevista por Paulo Lima. **TPM**, São Paulo, ano 02, n.22, fls. 16-23, jun. 2003.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 1999.

SUPLICY, Marta. 2 Anos Depois. Entrevista por Giuliana Tatini, Milly Lacombe e Renata Leão. **TPM**, São Paulo, ano 02, n. 21, fls. 54-60, maio 2003.

TORRES, Lola. Fui. Entrevista por Milly Lacombe. **TPM**, São Paulo, ano 02, n. 20, p. 14-21, abr. 2003.

Gabriela Boemler Hollenbach

Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo) pela Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.

E-mail: gabrielaholl@yahoo.com.br

Orientadora: Profa. Dra. Christa Berger